

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ
CURSO DE LETRAS**

**INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE AUTISTA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO NA
ESCOLA ESTADUAL EMELINO VIEIRA, NO MUNICÍPIO DE TEFÉ/AMAZONAS**

**TEFÉ
2023**

MARIA JOELMA DA ROCHA ARAÚJO

**INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE AUTISTA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO NA
ESCOLA ESTADUAL EMELINO VIEIRA, NO MUNICÍPIO DE TEFÉ/AMAZONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito para conclusão do Curso de Letras. Orientado pela Professora Dra. Monica Dias de Araújo.

TEFÉ

2023

**INCLUSÃO DE UM ESTUDANTE AUTISTA NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO
NA ESCOLA ESTADUAL EMELINO VIEIRA, NO MUNICÍPIO DE
TEFÉ/AMAZONAS**

Maria Joelma da Rocha Araújo¹ UEA

Monica Dias de Araújo² UEA

RESUMO:

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa qualitativa e de Campo desenvolvida em uma Escola Pública no Município de Tefé, Amazonas. O objetivo geral da pesquisa é analisar os principais desafios que a professora de Língua Portuguesa encontra no processo de inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio. E os objetivos específicos são: Refletir sobre a inclusão do estudante Autista; Identificar a preparação e a formação da professora de Língua Portuguesa para a inclusão do estudante Autista; Conhecer os recursos e apoios utilizados pela professora; Apresentar sugestões de estratégias para incluir estudante Autista nas atividades. Entre os procedimentos metodológicos adotados durante o estudo, destacam-se, o levantamento bibliográfico de autores e documentos que abordam a temática. A saber, Brasil (1997), Carvalho (2018), Mantoan (2015), Glat (2005), dentre outros. Para coletar os dados foi aplicado um questionário para uma docente e observações na sala de aula. Entre os resultados destacam-se que a professora de Língua Portuguesa enfrenta desafios como, a falta de preparação e formação para trabalhar com o estudante e não dispõe de recursos e estratégias para promover a inclusão durante as aulas.

PALAVRAS CHAVES: Autismo. Inclusão. Formação. Ensino Médio. Amazonas.

¹ Graduanda em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas-CEST/UEA. E-mail: mjdra.let19@uea.edu.br

² Professora Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: mdaraujo@uea.edu.br

ABSTRACT:

This article presents the results of qualitative and field research developed in a Public School in the Municipality of Tefé, Amazonas. The general objective of the research is to analyze the main challenges that the Portuguese Language teacher finds in the process of inclusion of a student with Autistic Spectrum Disorder in High School. And the specific objectives are: Reflect on the inclusion of the Autistic student; Identify the preparation and training of the Portuguese Language teacher for the inclusion of the Autistic student; Know the resources and supports used by the teacher; Present suggestions for strategies to include Autistic students in activities. Among the methodological procedures adopted during the study, the bibliographic survey of authors and documents that address the theme stand out. Namely, Brasil (1997), Carvalho (2018), Mantoan (2015), Glat (2005), among others. To collect the data, a questionnaire was applied to a teacher and observations in the classroom. Among the results, it is highlighted that the Portuguese language teacher faces challenges such as the lack of preparation and training to work with the student and does not have the resources and strategies to promote inclusion during classes.

KEYWORDS: Autism. Inclusion. Training. High school. Amazon.

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada Inclusão do Estudante autista no 3º Ano do Ensino Médio na Escola Estadual Emelino Vieira³, surgiu pela relevância e preocupação com o desenvolvimento educacional de um aluno autista matriculado em uma sala regular de 3º ano, o qual foi observado durante o período de observação e participação do Estágio Supervisionado III em uma escola pública, exigência do Curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé - AM (CEST/UEA). Justifica-se pela importância de discutir a inclusão do estudante com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio, pois ao oferecer um ambiente inclusivo, não apenas atendemos às necessidades individuais dos alunos autistas, mas também enriquecemos a experiência educacional de todos os alunos, cultivando empatia, respeito e compreensão.

Diante disso, levanta-se a seguinte problemática: Quais são os principais desafios no processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista – (TEA), no âmbito escolar? Ao longo deste trabalho, este questionamento mostrou-se pertinente em relação a outras questões que buscamos abordar e responder.

O objetivo Geral do Estudo é analisar os principais desafios que a professora de Língua Portuguesa encontra no processo de inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio. E de modo específico objetivou-se, Refletir sobre a inclusão do estudante Autista; Identificar a preparação e a formação da professora de Língua Portuguesa para a inclusão do estudante Autista; Conhecer os recursos e apoios utilizados pela professora; Apresentar sugestões de estratégias para incluir estudante Autista em atividades.

Dessa forma, a opção metodológica do estudo foi a pesquisa de Campo de análise qualitativa. Entre os procedimentos destacam-se o levantamento bibliográfico, seguida da aplicação de um questionário contendo perguntas abertas, observação e, por fim, procedeu-se com a análise dos dados.

O artigo está dividido da seguinte forma: no primeiro momento está a metodologia, na sequência apresentamos reflexões iniciais sobre inclusão do estudante autista; A preparação e a formação da professora de Língua Portuguesa para a inclusão do estudante Autista; Os desafios enfrentados pela professora de Língua Portuguesa; A importância de trabalhar com recursos e apoio; Sugestões de estratégias para incluir estudante Autista em atividades e finalizamos com as considerações finais.

³ Escola Estadual Emelino Vieira, nome fictício atribuído a escola como cuidado ético.

METODOLOGIA

A pesquisa apresenta uma análise qualitativa, tratando-se de um processo que exige muito rigor do pesquisador, pois a observação do fenômeno está certamente empregada pela história pessoal daquele que a observa. Além disso, Malheiros (2011) acrescenta que, “o trabalho qualitativo exige métodos rigorosos, que sejam capazes de explicitar que o investigador chegou o mais perto possível do fenômeno, portanto, suas conclusões não se dão na base de suas crenças individuais” (MALHEIROS, 2011, p. 188). Assim, os resultados podem ser variáveis durante a pesquisa.

Tem-se como campo da investigação a Escola Estadual Emelino Vieira. No primeiro momento foi realizado o levantamento bibliográfico. No segundo momento foi observado como funciona a inclusão de um aluno (com Transtorno do Espectro Autista), de 19 anos de idade, durante as aulas de Língua Portuguesa. O mesmo foi diagnosticado quando ainda era criança. As observações ocorreram durante 3 dias, durante as aulas. No terceiro momento foi aplicado um questionário direcionado a professora Maria⁴ a qual possui licenciatura em Letras, atua como docente desde 2011, possui especialização em Ensino de Literatura e Produção textual e aperfeiçoamento no Ensino de Língua Portuguesa.

A finalidade é compreender o processo de inclusão do aluno com autismo no Ensino Médio e conhecer os desafios que a professora de Língua Portuguesa encontra para colocar em prática as atividades de forma inclusiva.

Segundo José Filho (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos.” Ademais a pesquisa tem como objetivo ser descritiva. Para Silva e Menezes, a “pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (SILVA E MENEZES, 2000, p. 21).

Para concluir, os dados coletados através de questionários e observação foram analisados. As respostas foram organizadas no quadro de tabulação para posterior análise no texto. Assim, com base nos resultados e nas categorias e temas definidos pelos instrumentos de pesquisa, a relevância dos resultados foram destacadas.

⁴ Maria; nome fictício atribuído a docente, como cuidado ético para garantir o sigilo dela.

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE INCLUSÃO DO ESTUDANTE AUTISTA

A educação inclusiva foi instituída na política pública. Assim, os estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento passaram a ter direitos a matrícula na escola comum. A partir da lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9.394/96), no artigo 59 é “assegurado aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicas para atender as suas necessidades” (BRASIL, p. 17), portanto, é dever do Estado, garantir gratuitamente a educação básica, incluindo os alunos com necessidades educacionais especiais, nas escolas regulares. Assim, as escolas devem ser inclusivas. Ou seja:

Reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades (BRASIL, 1997, p. 5).

Corroborando com Brasil (1997), as escolas precisam promover a inclusão e não se limita a simplesmente movimentar esses indivíduos de uma classe ou escola especial para uma sala de aula regular. Pelo contrário, representa uma mudança profunda de paradigma que deve refletir igualmente nas políticas educacionais. Vale ressaltar que a falta de investimento em qualificações e especializações para os docentes na área da inclusão afeta diretamente o ensino aprendizagem destes alunos.

Glat (2005, p. 35) considera que:

[...] em que pese o crescente reconhecimento da Educação Inclusiva como norma prioritária de atendimento a alunos com necessidades educativas especiais, na prática esse modelo ainda não se configura em nosso país como uma proposta educacional amplamente difundida e compartilhada. Embora nos últimos anos tenham sido desenvolvidas experiências promissoras, a grande maioria das redes de ensino carece das condições institucionais necessárias para sua viabilização.

Dentre os tipos de necessidades especiais, há o Transtorno do Espectro Autista (TEA) graduando-os em níveis, leve, moderado ou severo, compreendendo uma tríade: déficits significativos ou persistentes na interação e comunicação social e, ainda, padrão restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (CARVALHO *et al.*, 2018).

Indivíduos com autismo podem enfrentar desafios na aprendizagem, mas é possível oferecer a eles uma educação de qualidade, desde que sejam disponibilizados

métodos educacionais que se adequem às suas necessidades e habilidades em ambientes educacionais que favoreçam seu processo de aprendizagem. A Lei Brasileira de Inclusão determina a necessidade de desenvolver:

planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia assistiva (BRASIL, 2015, p.13).

É essencial providenciar os recursos e apoios que os estudantes precisam, focando sempre nas possibilidades e não considerá-los como incapazes de aprender devido as suas respostas singulares ao responder estímulos ou por apresentarem comportamentos diferentes (CUNHA, 2015).

No decorrer desse processo, os pais desempenham um papel crucial, principalmente ao oferecer aos profissionais informações sobre o desenvolvimento e as maneiras de se comunicar de seus filhos. Essas informações têm um valor imenso para a construção do planejamento das atividades educacionais destinadas ao aluno. (SERRA, 2010). Mas infelizmente nem sempre é possível contar com a ajuda dos pais, o que causa um grande prejuízo no processo de aprendizagem dos alunos.

Portanto considerando que cada aluno tem suas necessidades próprias, no domínio da aprendizagem curricular, é importante usar recursos didáticos, alternativas de atendimentos diferenciados, recursos humanos especializados e recursos materiais específicos, a fim de que haja mudanças significativas quanto ao ensino e a aprendizagem de cada aluno. Os estudantes com deficiência ou transtorno, não podem ser vistos como problema, pois todos tem direito à educação, independentemente das necessidades que cada um possa apresentar, seja ela temporária ou permanente.

A PREPARAÇÃO E A FORMAÇÃO DA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A INCLUSÃO DO ESTUDANTE AUTISTA

Uma escola inclusiva é aquela que envolve um sistema educacional que reconhece as singularidades de cada aluno, levando em consideração as suas necessidades individuais. Para que esse cenário se concretize, é necessário que a comunidade escolar, especialmente os educadores, adquiram conhecimentos sobre o autismo, seja por meio de capacitação ou formação continuada, pois é de extrema importância conhecer o Espectro Autista, para entender e identificar as barreiras que esse estudante tem. A respeito desse

assunto foi feito o seguinte questionamento à professora de língua portuguesa: Você recebeu orientações ou formação para receber o estudante autista? Se sim, como foi essa preparação? A professora respondeu que “*Não*”.

Diante desta resposta percebe-se que apesar das políticas públicas e leis apresentarem metas claras em relação à formação continuada dos professores, as instituições de ensino não atendem plenamente a esses objetivos. Isso resulta em desafios significativos quando o educador precisa incluir alunos que possuem autismo em suas aulas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica – LDB Lei de nº 9394/96 em seu artigo 62, parágrafo único diz: “Garantir-se-á formação continuada para os profissionais, [...] no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação” (BRASIL, 2018, p. 42).

Para Correia (2008), com a implementação da educação inclusiva, surgem diversos desafios para as escolas e educadores. No entanto, é necessário que os profissionais envolvidos no processo educativo desenvolvam um currículo que possa atender as particularidades de cada estudante, levando em consideração que alunos com TEA, têm capacidade de aprender como qualquer outro indivíduo, porém eles aprendem de forma diferente dos demais, por isso é importante ter uma equipe capacitada.

Essa equipe não só irá apoiar os estudantes e facilitar sua inclusão no ambiente educacional, mas também desempenhará um papel fundamental na orientação familiar, visando a cooperação com as ações da escola e dos professores para garantir o melhor desenvolvimento desses alunos. Ademais estudantes com TEA também conseguem:

[...] ler, resolver expressões matemáticas com letras e números e navegar na internet. Pode ter muitos amigos e aprender o significado de emoções com orgulho e felicidade, basta que tenha o acompanhamento adequado tanto no ambiente escolar quanto no familiar (VEROTTI; CALLEGARI, 2008, p. 10).

Diante disso, a escola além de ser inclusiva tem que ter qualidade buscando alcançar o ápice da aquisição de conhecimento e participação de todos os estudantes em suas atividades, sem discriminação. Segundo Mantoan (2015) a ideia de inclusão trata-se de uma mudança no paradigma educacional, só assim a escola pode tornar sua proposta educacional viável para todos.

A escola surge na vida da criança como um dos principais ambientes extrafamiliares. Lá ela inicia a socialização, compartilha conhecimentos e amplia seu universo. Essa ampliação deve funcionar como continuidade do processo iniciado em casa, onde há muito tempo ela constrói sua história. O

ser humano é um todo, não se fragmenta nos espaços aos quais pertence. Em cada um deles, é um ser por inteiro. Se na família se inicia a trajetória pessoal, na escola muitos capítulos serão escritos (CASARIN, 2008, p. 66).

Além disso, a escola proporciona um ambiente de inclusão, onde os alunos autistas são valorizados, respeitados e acolhidos em sua diversidade. A convivência com colegas e professores que compreendem e aceitam suas diferenças contribui para a construção de uma autoestima saudável e para o desenvolvimento de uma identidade positiva.

Sobre a importância da formação continuada, foi feita a seguinte pergunta: Em sua opinião qual a importância da formação continuada para a promoção da inclusão do estudante autista? A professora respondeu, *“É importante para a compreensão da prática pedagógica de maneira inclusiva e eficiente, onde as dificuldades, as singularidades, a diversidade do alunado, a cultura e as limitações específicas dos educandos com necessidades especiais passam a ser compreendidas de forma mais humana e democrática”*.

Verificando as respostas das questões anteriores, nota-se que a professora sabe a importância de conhecer as necessidades específicas do aluno e que é preciso adaptar suas metodologias e usar estratégias eficazes que funcione para ele, porém ela tem dificuldade em planejar as aulas com as adaptações necessárias. O que é compreensível, já que a mesma não possui curso de especialização ou formação continuada na área da inclusão.

Ademais a capacitação dos docentes é importante para que os mesmos obtenham seus conhecimentos atualizados e possam articular seus planos de aula e fazer as adaptações necessárias, a fim de que se tenha sucesso quanto ao ensino aprendizagem dos alunos autistas e demais alunos.

Portanto, uma escola inclusiva desempenha um papel vital no desenvolvimento do aluno autista, oferecendo um ambiente de qualidade, proporcionando oportunidades de interação social além de apoio personalizado a sua necessidade individual. Ao promover a aprendizagem, a escola contribui para a sua capacidade de alcançar seu potencial máximo e se tornar membros ativos na sociedade. A formação de professores e demais profissionais da escola é fundamental neste processo.

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Uma das questões propostas à professora de língua portuguesa foi, quais são os principais desafios enfrentados por você para incluir o aluno com TEA em suas aulas? A professora respondeu que os principais desafios que ela enfrenta são: *“O fato de resistência para interagir, fobias, sonolência por conta dos medicamentos, dificuldade para se alimentar, crises de birra e agressividade e também dificuldade em planejar as aulas com adaptações necessárias”*.

Diante das respostas da professora podemos perceber que ela possui dificuldade em entender e atender o estudante autista em sala de aula, por conta dos comportamentos considerados inadequados, e conseqüentemente tem muita dificuldade em ensinar a disciplina de língua portuguesa ao aluno com TEA, por ele apresentar certas dificuldades em aprender devido a dificuldade em interagir, crises de birra e agressividade.

De acordo com Cunha (2016) “lidar com birras não é fácil, mas quanto mais tempo as atitudes disruptivas durarem, mais difícil será contê-las”, o professor e o mediador precisam identificar o porquê das crises de birra e tentar evitar o ocorrido da melhor forma possível. Um outro desafio observado durante as aulas foi que a professora tem receio de falar com o aluno autista quando ele está agitado por medo de desencadear uma crise, então ela entrega a atividade digitada para ele em seguida explica o assunto para a turma, mas quem o ajuda diretamente é o professor mediador (OBSERVAÇÃO REALIZADA DIA 27 DE JUNHO DE 2023).

Portanto, compreende-se que o exercício do ensino com alunos autistas é um desafio e torna-se indispensável o apoio familiar, pedagógico e a capacitação adequada para que os professores possam aprimorar sua atuação nesse contexto da inclusão. Como afirmam Santos e Oliveira (2017),

Necessidade urgente de efetivação da inclusão nas práticas em sala de aula, passando pela sensibilização e capacitação dos docentes para a articulação do planejamento das aulas. Desta forma, entende-se que fazer inclusão em sala de aula pode não ser tarefa fácil porém depende do querer e do esforço dos que estão envolvidos (SANTOS; OLIVEIRA, 2017,p.3).

Fazer a inclusão dar certo não é uma tarefa fácil, porém não é impossível. Por esse motivo é importante a união dos pais, professores, gestores e toda a comunidade escolar apoiem este processo para juntos superarem os desafios para que a inclusão aconteça da melhor forma possível.

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR COM RECURSOS E APOIO.

Os apoios e recursos que são indispensáveis para que se tenha a inclusão. Assim, foi feita a seguinte pergunta para a professora de Língua Portuguesa: Na sua opinião, quais são os recursos educacionais e os apoios necessários para promover a inclusão de alunos com TEA na rede regular de ensino? Ela respondeu: “*É necessário que os profissionais da educação proporcionem atividades prazerosas, desafiadoras, significativas que despertem o interesse e a socialização. As atividades lúdicas seriam uma excelente ferramenta pedagógica de desenvolvimento*”.

A professora destaca a importância de adotar estratégias para tornar a aprendizagem significativa para o aluno. Quando a professora diz que “*As atividades lúdicas seriam uma excelente ferramenta pedagógica de desenvolvimento*” (grifo meu). A questão do “seriam” nos faz entender que não é trabalhado de forma lúdica com os alunos, o que sem dúvida traria benefícios principalmente para o aluno autista, pois Luckesi (2000), afirma que “brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo”, assim trabalhar com o lúdico, com recursos e apoios que cada aluno precisa para desenvolver e aprender é benéfico para todos.

Vale ressaltar que é importante o professor avisar antecipadamente e explicar diretamente olhando para o aluno o que vai acontecer durante a atividade, para que o aluno com TEA possa entender do que se trata a atividade ou dinâmica para que ele não seja pego de surpresa, pois sair da rotina sem aviso prévio pode gerar desconforto e uma crise de birra.

O autista sente dificuldade em se relacionar ou se comunicar com outras pessoas, uma vez que ele não usa a fala como um meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ele e que não interage fora dele. (MENEZES, 2012, p. 25).

Nesse sentido, é interessante a instituição de ensino estimular a convivência social entre o estudante com autismo e os demais estudantes, de forma a estimular o progresso das competências linguísticas. O docente junto com a gestão escolar tem o papel de incentivar o aluno autista a engajar-se em atividades colaborativas, promovendo atividades que estimule a comunicação entre todos os alunos, e o lúdico é uma ótima opção.

Na referida escola não há sala de Atendimento Educacional Especializado-AEE, que se trata de “conjunto de atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade, organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos estudantes público alvo da educação especial, matriculados no ensino regular” (BRASIL, 2013, p.7). Na perspectiva da educação inclusiva o aluno deveria ir para a sala de AEE no contraturno, para que seja trabalhada a questão comportamental e a concentração do mesmo, pois ele saber ler, mas não consegue ficar concentrado nas atividades por muito tempo e esquece rápido o que foi ensinado sendo necessário usar métodos que o faça lembrar novamente.

Por conseguinte, foi feita a seguinte indagação, você tem ajuda de um professor (a) mediador em sala de aula? Se sim, ele (a) utiliza adaptações nas atividades para facilitar a aprendizagem do aluno com TEA? Resposta: *Sim. Ele ajuda o aluno com as atividades escolares fazendo as adaptações necessárias.* O mediador é um profissional que ajuda o professor em sala de aula e tem como objetivo proporcionar ao aluno o melhor desenvolvimento quanto ao ensino e aprendizagem, levando em consideração suas especificidades individuais. Conforme observação realizada dia 11 de julho em sala de aula foi possível perceber o quanto o apoio do mediador é importante tanto para o aluno autista quanto para a professora, pois durante uma aula a professora utilizou a TV para mostra um vídeo, porém ao ligar a TV o volume estava muito alto, o que deixou o aluno autista desconfortável causando uma pequena crise então de forma paciente o mediador o levou para fora da sala para acalmá-lo, após alguns minutos retornaram para a sala. Assim foi possível perceber que não é usado materiais ou recurso para tranquilizar o aluno, como por exemplo um objeto que ele goste. Ademais o estudante autista não fica agitado durante todo o tempo de aula, só quando algo lhe causa desconforto (OBSERVAÇÃO REALIZADA DIA 11 DE JULHO 2023)

O mediador é aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, chamando a atenção para os seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação recebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo o desenvolvimento. O mediador pode levar o aluno a detectar variações por meio da diferenciação de informações sensoriais, como visão, audição e outras; reconhecer que está enfrentando um obstáculo e identificar o problema. Pode também contribuir para que o aluno tome mais iniciativa mediante diferentes contextos, sem deixar que este processo siga automaticamente e encorajar o aluno a ser menos passiva no ambiente (MOUSINHO et al., 2010, p. 94).

É de suma importância que o mediador tenha acesso aos projetos pedagógicos, planejamento e aos demais documentos necessários para que possa exercer um bom trabalho. Nota-se que o mediador ajuda a professora de língua portuguesa fazendo algumas adaptações nas atividades, pois a mesma tem dificuldade nessa área.

É necessário ter sensibilidade para entender as dificuldades apresentadas por alunos autistas, e procurar incentivar seu desempenho escolar, pois deixá-los de lado sem os recursos e apoios que atendam suas necessidades individuais causa exclusão e simultaneamente fracasso escolar.

SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS PARA INCLUIR ESTUDANTE AUTISTA EM ATIVIDADES.

Quando se propõe trabalhar na perspectiva da Educação Inclusiva, é essencial mencionar a importância de investir em estratégias pedagógicas diferenciadas que funcionem, como recursos e suporte no desenvolvimento educacional dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). É necessário fazer usos de estratégias de aprendizagem que podem ajudar o professor regente e o professor auxiliar nessa tarefa, usando materiais e recursos disponibilizados na escola, ou confeccionados por eles mesmos, para que assim o aluno com TEA possa ter sucesso no seu processo de escolarização e concluir o Ensino Médio de forma satisfatória.

O aluno participante da pesquisa possui falha na comunicação. Contudo, consegue apontar para o que ele deseja, assim ele se comunica através de gestos e em alguns momentos usando a fala. “Devido a esses déficits sociais, especialmente na área da interação verbal, o processo de aprendizagem escolar de estudantes com TEA pode ser afetado de forma negativa” (MACEDO et al., 2017).

Diante das dificuldades apresentadas pela professora de Língua Portuguesa e o mediador, a pesquisadora contribuiu apresentando estratégias que podem ajudar a diminuir as dificuldades enfrentadas diariamente pelos educadores com o estudante, visando ajudar na inclusão social e escolar.

Ensinar Língua Portuguesa para estudantes com autismo exige abordagens e estratégias de aprendizagem específicas, e que levem em conta suas necessidades e características individuais. Abaixo estão algumas estratégias que segundo o Instituto Neurosaber podem ser úteis para professores, trabalharem com alunos autistas:

Comunicação clara e direta: Use linguagem simples e objetiva, evitando ambiguidades ou linguagem figurada. Seja claro e direto ao dar instruções e explicar conceitos.

Rotinas e estrutura: Estabeleça rotinas previsíveis e consistentes no ambiente da sala de aula, para que o aluno saiba o que esperar e se sinta mais seguro.

Suporte visual: Utilize recursos visuais, como imagens e quadros, para auxiliar na compreensão e retenção de informações.

Interesses pessoais: Identifique os interesses do aluno e incorpore-os no conteúdo das aulas para aumentar o engajamento e a motivação.

Redução de estímulos sensoriais: Crie um ambiente tranquilo e livre de distrações, pois muitos alunos autistas podem ser sensíveis a estímulos sensoriais excessivos.

Flexibilidade no tempo e formato de avaliação: Considerar a possibilidade de permitir mais tempo para a realização de tarefas e oferecer formas de avaliação alternativas, se necessário.

Parceria com os pais: Mantenha uma comunicação aberta com os pais ou responsáveis do aluno, buscando entender melhor suas necessidades e colaborar na implementação de estratégias adequadas.

Uso de tecnologia assertiva: Explore recursos tecnológicos que podem auxiliar o aluno na comunicação e na aprendizagem (NEUROSABER, 2020).

Segundo Cunha (2016, p. 49), “não há metodologias ou técnicas salvadoras” para ensinar crianças autistas ou que possuem alguma deficiência. Entretanto, há possibilidades de aprendizagem. Nesse contexto, Chiote (2015) alega que o educador deve compreender sua responsabilidade como mediador e identificar as situações que possam favorecer o desenvolvimento dos estudantes com TEA.

Portanto, cada aluno autista é único, e é fundamental adaptar estratégias conforme suas necessidades específicas. Além disso, a formação contínua do professor e a busca por informações atualizadas sobre autismo e educação inclusiva são essenciais para oferecer um ambiente de aprendizagem acolhedor e eficaz para esses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi de grande relevância, pois através dela foi possível conhecer as dificuldades enfrentadas pela professora de língua portuguesa para incluir o aluno autista em suas aulas. Sendo assim é de suma importância que saibamos os caminhos disponíveis para fornecer uma educação de qualidade às pessoas com autismo. Reconhecendo estratégias de ensino que possa melhorar a qualidade de ensino do aluno autista, buscamos alcançar as transformações desejadas.

Ademais, os desafios encontrados pela professora durante as aulas da disciplina de Língua portuguesa no 3º Ano do Ensino Médio de uma escola pública no município de Tefé-AM, interferem diretamente no processo de inclusão do estudante diagnosticado com transtorno do espectro autista-TEA.

Após a análise do questionário foi possível constatar que a professora tem pouco conhecimento sobre como lidar com aluno autista em sala de aula, visto que ela não passou por orientação para recebe-lo, e não tem formação continuada na área da inclusão, assim ela apresenta dificuldade para trabalhar com o estudante autista, devido a resistência para interagir, fobias, crises de birra e agressividade. Vale ressaltar que para a inclusão do autista realmente possa acontecer é necessário que todos os profissionais que atuam na escola saibam quais são as características do TEA, algumas opções boas são, participar de palestras, projetos, cursos e etc.

De acordo com o estudo realizado, fica evidente que a formação contínua ainda representa um dos principais obstáculos para que os educadores se sintam confiantes ao lidar com alunos autistas. Além disso, é crucial investir em recursos e apoios. Bem como se manter atualizados quanto a estratégias que podem ajudar na inclusão dos alunos com TEA.

Esperar-se, que esta pesquisa sobre Inclusão do estudante autista na Escola Estadual Emelino Vieira, no município de Tefé – AM, possa oferecer aos educadores da rede pública de ensino a oportunidade de refletir sobre sua prática pedagógica e que os mesmos busquem se especializar de acordo com as necessidades presentes nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Declaração de Salamanca e **Linhas de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional dos Direitos Humano, 2. ed., 1997.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretoria de Currículos e Educação Integral**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2018.

BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146**, de. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 21 de ago.2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Nota Técnica N° 055 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE**, de 10 de maio de 2013. p. 07.

CARVALHO-FILHO F. S.S; MORAES-FILHO I.M; SANTOS J.C; SILVA M.V.R.S;PEREIRA N, D. **Entendimento do espectro autista por pais/cuidadores – estudo descritivo. Rev. Cient. Sena Aires**, v.2, n.7, p. 105-116,2018.

CASARIN, S. **Um trio afinado: família, escola e atendimento especializado**. In: Revista Nova Escola. Edição Especial. no . 24. Editora Abril, 2008.

CORREIA, L. de M. (1999), apud MORGADO, José Carlos. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. Porto. 2008.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 3º edição, Rio de Janeiro: Editora Wak, 2015.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

CHIOTE, FAB. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

GLAT, R. **A Integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2005.

INSTITUTO NEUROSABER. **Bem-vindo, somos um Instituto que busca compartilhar conhecimento**. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

JOSÉ FILHO, Pe. M. Pesquisa: **contornos no processo educativo**. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. **Desafios da pesquisa**. Franca: UNESP - FHDSS, p.63-75, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese**. In LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) Ludopedagogia- Ensaios e Ludicidade. Salvador: Gepel, 2000.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** Dissertação de Mestrado, UERJ, 2012.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. In: Coletando Dados Qualitativos. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MACEDO, Luanna Raquel Gomes et al. "**Inclusão de autistas e seus desafios: uma revisão bibliográfica**". Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: Acesso em: 24 abril. 2023

MOUSINHO, R. et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões.*Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 27, n. 82, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: julho. 2023.

SANTOS, I. J; OLIVEIRA, A. A. **A inclusão do aluno com deficiência auditiva numa instituição da rede particular de ensino superior do estado de Sergipe.** In: 10 ENCONTRO.

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. (2000) - **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** LED/UFSC. Florianópolis.

SERRA, Dayse. **Autismo, Família e Inclusão. Polêm!ca**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 40 a 56, mar. 2010. ISSN 1676-0727. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2693>. Acesso em: 26 de julho. 2023.